



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 324-357

Meu sangue não me define, minha casa não me define, eu sou o meu próprio lar: Sentido e Significados do Ser Adotado à Luz da Fenomenologia-Existencial

My blood does not define me, my home does not define me, I am my own home: Senses and Meanings of Being Adopted in the Light of Existential-Phenomenology

Davi González Ramos

Luziane Vitoriano da Costa

Dacir Martins de Castro

Gabriel Vitor Melo Rocha

Resumo

A adoção traz como um dos conceitos no mundo atual como sendo um processo legal onde se escolhe aceita e recebe espontaneamente como filho próprio o filho de outrem. Na Significa dizer que a adoção vai além de aspectos biológicos. Este estudo objetiva compreender a pluridimensionalidade do existir do ser-adotado a partir da comunicação da adoção. Foram entrevistadas 3 pessoas que, submetidas aos parâmetros do método fenomenológico e analisadas sob à luz da Fenomenologia de Martin Heidegger, originaram-se 6 categorias temáticas: a) A adoção como facticidade; b) O tabu do falar sobre a adoção; c) A curiosidade do parecer-se com alguém, a culpa e o medo do sentir; d) O creditar do significado da própria existência; e) O sentido da compreensão da adoção como experiência de vida; f) A propositura de olhar específico no atendimento psicoterapêutico para pessoas adotadas. Conclui-se que aspectos devem ser observados e compreendidos pelo psicólogo, no sentido de fazer da sua prática profissional um lugar de escuta, acolhimento e cuidado possível para o cliente, e desta forma, questões como identidade, liberdade, significado e sentido precisam ser considerados pelo psicoterapeuta de base fenomenológica-existencial.

Palavras-chave: Fenomenologia-Existencial; Sentidos; Significados; Adoção; Ser-Adotado; Dasein.



Abstract

Adoption brings as one of the concepts in the current world as a legal process where one chooses to accept and spontaneously receive someone else's child as one's own child. It means to say that adoption goes beyond biological aspects. This study aims to understand the pluridimensionality of the existence of the being-adopted from the adoption communication. Three people were interviewed who, submitted to the parameters of the phenomenological method and analyzed in the light of Martin Heidegger's Phenomenology, 6 thematic categories originated: a) Adoption as facticity; b) The taboo of talking about adoption; c) The curiosity of looking like someone, the guilt and fear of feeling; d) Accreditation of the meaning of one's own existence; e) The meaning of understanding adoption as a life experience; f) Proposing a specific perspective in psychotherapeutic care for adopted people. It is concluded that aspects must be observed and understood by the psychologist, in order to make his professional practice a place of listening, welcoming and possible care for the client, and in this way, issues such as identity, freedom, meaning and sense need to be considered by the existential-phenomenological psychotherapist.

Keywords: Existential-Phenomenology; Senses; Meanings; Adoption; Be-Adopted, Dasein.

Introdução

A adoção traz como um dos conceitos no mundo atual como sendo um processo legal onde se escolhe aceita e recebe espontaneamente como filho próprio o filho de outrem, respeitando as condições jurídicas vigentes, assim como, a escolha, a aceitação e o recebimento espontâneo de pessoa, animal ou outro ser, como parte da vida de uma família e integrante de um lar, de uma casa (Oxford 2022).

Na contemporaneidade, a conceituação de adoção entre filho biológico e filho adotivo perde sua razão, pois, já não se vê diferença, mas sim “filhos”, aonde as vinculações vão para além de aspectos biológicos (Moraes, 2011).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Compreender o ser humano como um ser singular, relacional, indeterminado, temporal, no mundo, finito, livre e criador de seus sentidos e significados, são aspectos que o caracterizam na perspectiva fenomenológica-existencial (Araújo, 2014).

Considerando o conceito do *Dasein* – ser-no-mundo, de Heidegger, o olhar que o ser-adotado se lança para as impossibilidades de sua existência, existe a partir de seu mundo vivido, de sua liberdade e, por conseguinte, escolhas, que auxiliam no processo de transcendência dos novos sentidos e significados após o saber-se adotado (Araújo, 2014).

A concepção de ser-no-mundo surge mediante a concepção de que o mundo é o fenômeno, e para que seja fenômeno, o olhar para o fenômeno deve ser o olhar para si sem qualquer julgamento, o que faz romper o olhar habitual, passando a considerá-lo a partir da própria vivência e experiência, onde o fenômeno permite questionar o próprio fenômeno. Neste sentido, o perceber-se como parte de si só pode ocorrer a partir de como o ser se percebe na própria existência (Heidegger, 2013).

Ao se trazer os atravessamentos do ser em si da pessoa adotada e as possíveis implicações que a adoção traz para este ser, busca-se compreender as vivências do ser-adotado e os sentidos e significados atribuídos em sua historicidade. Portanto, o questionamento sobre as possíveis transformações que ocorrem na vida daquele que é adotado a partir da comunicação de sua adoção é o ponto chave para o desdobramento da temática (Dutra & Gomes, 2020).

Os tabus e estigmas a respeito da adoção, o vínculo afetivo de forma um tanto quanto dolorosa para todas as partes desse processo também são abordados na pesquisa. A curiosidade sobre a família da



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

qual nasceu também se repercute nos diálogos entre as pessoas adotadas. Considerando os olhares particulares sobre a própria existência, os questionamentos acerca do pertencimento, a busca por respostas acerca da adoção direcionada aos pais adotivos e das angústias por não terem convivido com os pais biológicos (Dutra & Gomes, 2020).

Deste modo, o estudo objetiva compreender o ser si-mesmo em sendo adotado sob o viés da Fenomenologia-Existencial, a partir da sua historicidade, ao trazer os atravessamentos e as possíveis implicações que a adoção trouxe para este ser, bem como seus sentidos e significados. Assim, auxiliando os profissionais psicólogos no desenvolvimento de um atendimento assertivo e de acolhimento (Lopes, 2022).

Diante do exposto, justifica-se esta pesquisa como contribuição para a ciência da psicologia, no sentido de ampliar as pesquisas relacionadas à adoção sob o viés fenomenológico-existencial, visto que há escassez na literatura acerca dessa temática. Ademais, a pesquisa objetiva fomentar discussões sobre o fazer profissional do psicólogo ao se deparar com essa demanda, levando em consideração as especificidades dos atendimentos para esse público, de modo a propor possíveis estratégias de acompanhamento do profissional psicólogo para com esse grupo de pessoas.

Embasamento Teórico

I. A fenomenologia

A teoria fenomenológica iniciou-se no final do século XIX e início do século XX, tendo como idealizador Franz Brentano, na Alemanha, tendo sido desenvolvida como método de análise por Edmund Husserl (1859 – 1938), além de ter influenciado pensadores e teóricos, dentre



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

eles Alfred Schutz (1899 – 1959), Martin Heidegger (1889 – 1976), Jean Paul Sartre (1905 – 1980), Maurice Merleau-Ponty (1908 – 1961), dentre outros (Silva & Benetti, 2015).

O termo fenomenologia traz a luz o estudo do fenômeno, o que quer dizer, fenômeno é tudo aquilo que surge à consciência, de onde deve ser analisado, explorado e vivido a partir dessa existência, de modo a vincular o fenômeno com o próprio fenômeno, ou seja, com o ser do que qual ele é e a quem pertence, o eu (Schultz, 2002).

Nesta abordagem filosófica, onde o ser e o mundo são fenômenos, a descrição fenomenológica se faz essencial, onde a base do pensamento “de ir às coisas mesmas” é fundamental, onde o olhar habitual é suspenso e é vivenciada a experiência da existência (Schultz, 2002).

Ao observar e analisar os fenômenos tais quais eles aparecem e são trazidos, independentemente de serem fantasias, idealizações ou realidade se tornaram a base desta linha teórica, o que se percebe quando Husserl propõe que, para o estabelecimento de uma base segura, ela deve ser livre de pressupostos, onde a essência humana é a base do método, de modo que a experiência humana vivida na sua singularidade se faz como o centro desta análise (Silva, Lopes & Diniz, 2008).

II. A fenomenologia heideggeriana

Heidegger traz como possível conceito de fenômeno como tudo aquilo que se mostra, de onde surge o que se manifesta, havendo, portanto, uma ligação entre fenômeno – manifestação, haja vista que compreende a manifestação só dá-se a partir do mostrar-se de algo, haja vista que mostrar-se é anunciar-se mediante a algo que se mostra (Capalbo, 1996).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Ao que se refere à visão heideggeriana, de certo modo, vem partir conceitos ensartados por Husserl, onde a experiência humana se faz a simples forma de ser do homem no mundo, o *Dasein* – Ser-no-mundo (Heidegger, 2013), onde este homem está localizado, sempre, no espaço e no tempo. (Alves, 2006).

Heidegger (2013) em sua estrutura da base teórica fenomenológica, afirma que ao tempo que o fenômeno se mantém velado ele também se mostra. Nesse sentido, o fenômeno sempre é e está oculto, por não estar solto à consciência, porém se mostra pela sua própria existência no aqui e agora. Por esse motivo, pode-se dizer que o fenômeno é o que se mostra e o como se mostra, tal qual o fenômeno não é uma manifestação e a manifestação é dependente de um fenômeno.

Salienta-se, ainda, que ao se referir ao fenômeno, Heidegger o traz com a possibilidade de mostrar-se (*Zeigen*) ou manifestar-se (*Erscheinung*). O primeiro vem a ser a ocorrência e percepção do fenômeno por si só, compreendendo-se no aqui e agora, enquanto o segundo se faz alusivo ao fenômeno não explicitado, por vezes dito velado, o que não quer dizer que alí não se encontra, de modo que o segundo coexiste a partir do primeiro (González et al., 2012).

Portanto, o fenômeno não é uma manifestação, e a manifestação é dependente de um fenômeno, de modo que este mesmo fenômeno é a materialidade da existência, abrangendo, assim, a fenomenologia como a compreensão do ser na sua singularidade, e na existência desse ser, assim, dando a esta base teórica o rigor científico fundamentado nas características do próprio existir (Wojnar & Swanson, 2007).

Há de se destacar também os conceitos do ser inautêntico e autêntico para Heidegger (2013), onde o primeiro ser caracteriza por



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

um “estar no mundo” sem autonomia de si, de toma suas experiências a partir de suas relações com o outro, sem se possibilitar ser capaz de optar ou decidir, vivendo, portanto pelas escolhas desse outro, não se percebendo enquanto ser na própria existência e na sua vivência.

O segundo, o ser autêntico, passa a caracterizar-se como aquele ser que experiência responder os próprios questionamentos sobre si e para si, de forma a aprofunda-se no próprio mundo e vivência, agindo a partir de suas próprias escolhas e de sua estrutura fundamental (Heidegger, 2013).

III. A adoção

A prática da adoção coexiste a própria existência da humanidade, o que pode ser percebido nas próprias leituras bíblicas como a história de Moisés, o qual, segundo a história, em aproximadamente no ano 1250 a.C., quando a filha do faraó o encontrou, adotando-o como filho (Dutra & Gomes, 2020).

Tal ilustração vem para dar sentido e significado humanizado ao que é a adoção, que para as definições dos dias atuais. O dicionário Oxford (2022), traz como conceito de adoção na atualidade como sendo um “processo legal onde se escolhe, aceita e recebe espontaneamente como filho próprio o filho de outrem, respeitando as condições jurídicas vigentes, assim como, a escolha, a aceitação e o recebimento espontâneo de pessoa, animal ou outro ser, como parte da vida de uma família e integrante de um lar, de uma casa.

A adoção em diferentes contextos históricos recebeu os mais variados significados e sentidos, perpassando desde questões religiosas quando políticas, de acordo com a cultura e pensamentos de cada época. Neste viés, ao perceber o período da Antiguidade, e até mesmo os períodos seguintes a adoção era tida como uma forma



manter a linhagem e o nome da própria família, como se disso dependesse sua própria existência (Weber & Paiva, 2004, 2005).

IV. A adoção no Brasil

Paiva (2004) ao falar sobre a história da adoção no Brasil, remete aos primórdios da história conhecida do país, ao tempo do Brasil Colonial, onde os senhores, principalmente os mais abastados, dos quais cuidavam de infantes, por vezes sem pais, ou filhos de seus servidores, de modo a possuir, mesmo que de forma indireta uma mão-de-obra gratuita.

Não obstante disso, há também a cultura do assistencialismo bastante enraizada na cultura brasileira, onde, a princípio pautava-se a caridade assistencialista aos menos favorecidos, acabando por cuidarem, em momentos de filhos de terceiros, aparecendo o fenômeno denominado, “filhos de criação”, porém, não necessariamente adotava-se. O que cooperou em caráter significativo com os mitos e preconceitos existentes até os dias atuais ao que se refere tal forma de filiação. (Paiva, 2004).

Ao trazer o tema da adoção para a atualidade, percebe-se que a conceituação de “filho de criação” ainda é muito utilizada, principalmente, no interior no país, concomitantemente a isto, tem-se agora uma reelaboração do que vem a ser a ação do adotar. Nesta linha, o adotar vem como uma realização de um desejo, dos pais para com esse novo ser que adentrará neste núcleo familiar, com direitos e deveres tais quais como se fosse um filho biológico (Souza & Casanova, 2011).

Na nova visão sobre a adoção, a conceituação entre filho biológico e filho adotivo perde sua razão, pois, já não se vê diferença, mas sim “filhos”, onde a questão sentimental agora é envolvida com fervor, assim como a qualidade de vida que o adotado deverá vir a ter,



por normatização legislativa, e se assim não o for, a adoção não deveria ocorrer (Souza & Casanova, 2011).

V. A influência dos laços de sangue e suas consequências a partir da consciência da adoção pela pessoa adotada

Historicamente, os laços de sangue desenharam uma estrutura e modelo familiar patriarcal heterocisnormativo, onde a família era constituída por pai, mãe, e filhos, e nesses moldes o fator biológico tinha destaque, principalmente quando se era filho home, afinal, seria ele a continuar a perpetuação da família (Weber, 2005).

Neste contexto, a pessoa adotada, ao crescer dentro desta cultura de pertencimento e perpetuação, ao não saber da sua situação, compreende-se como parte integrante direta da família que lhe adotou, todavia, ao tomar consciência desta condição, por encontrar-se em uma sociedade onde esse modelo estrutural familiar ainda é tido como algo de relativa importância, por vezes pode passar a questionar-se sobre o seu próprio vínculo de filiação e até mesmo na relação de si para si, bem como no constructo psíquico do próprio eu, ao questionar-se sobre a própria existência (Alves, 2006).

Dentre esses fenômenos, o ser em questão, quando nessa situação, acaba por fazer comparações de si com a família da qual faz parte, buscando comparações fenotípicas, ou de gostos e preferências, que na realidade são subjetivos ao ser, o que não quer dizer que não poderá ser um ponto a ser valorado aos sentimentos se não trabalhado na base do vínculo familiar (Alves, 2006).

Culturalmente, os laços sanguíneos trazem a ideia de pertencimento entre os seres, podendo dizer, inclusive como uma ligação eterna, como se dessa forma se pudesse vencer a morte por intermédio da perpetuação humana familiar, existindo, portanto, para além da morte. (Benghozi & Carneiro, 2001).



VI. A origem negada, o medo do abandono e o segredo sobre a adoção

Ao tratar da adoção, dois fenômenos ligados ao medo ocorrem, sendo um o dos pais para com os filhos e outro dos filhos para com os pais. O primeiro surge com o pensamento de que o filho pode querer abandonar a família adotiva em busca da família biológica, enquanto o segundo vem com a ideia de que por ser adotado o possível surgimento de um filho biológico possa substituí-lo e tirar o lugar do qual lhe pertence (Paiva, 2004).

Tal medo da rejeição, quando há a falta de conhecimento a cerca do tema ou até mesmo da certeza do sentimento, acaba por levar muitos pais e tomarem a decisão de não revelar aos filhos a sua verdadeira história, o que, na verdade, pode ser algo não compreendido quando e se descoberto de maneira imprópria por ele, da mesma forma que esse filho pode criar uma aversão ao irmão que nem mesmo existe (Paiva, 2004).

Schetinni (2006), desvela, ainda, a conceituação de pais “bons” ou “maus”, independentemente de suas condições biológicas e/ou adotivas, porém, a partir da motivação que tornou realidade a procura por esse filho. Em seu pensamento, ao se fazer protetor e amoroso com o filho de modo a dar-lhe o carinho e a firmeza de regras conforme a necessidade, pode-se dizer que há aí bons pais. Enquanto, ao colocar-se como protetores desatenciosos, agressivos e negligentes, em caráter a não exercerem os papéis parentais em caráter físico e emocionalmente saudável, consideram-se maus pais.

Todavia, Levinzon (2004) traz o pensamento de que cabe ao filho adotivo reconhecer e reconhecer a própria história, de modo a ser uma opinião unânime entre profissionais e teóricos da área, os quais afirmam que a verdade deve ser a base desta relação. Nesse contexto, o tema deve ser introduzido nas conversas familiares, sempre em



concordância com a faixa etária da criança adotada, de forma tal que não se torne segredo e/ou tabu nesta relação familiar, de forma a se tornar uma memória e conhecimento da própria história. Assim, evita-se que não haja segredos e muito menos a proliferação de mentiras a fim de esconder essa verdade que estará presente em todos os dias desta família, evitando um potencial trauma do desvelamento de um segredo.

VII.A adoção no contexto fenomenológico-existencial

Compreender o processo de vinculação adotiva dentro da dinâmica familiar em conformidade com a singularidade do ser, por vezes parece ser um tanto quanto simplista, porém, ao aprofundar-se nesta temática vê-se a relação humana complexa e cheia de nuances, como de fato é (Heidegger, 2013).

Neste contexto, compreender como o ser humano se coloca no mundo a partir do conhecimento de sua história e da adoção, de modo a considerar as características existências inerentes a todo ser humano, permite que se perceba como se dá a formulação da psique da pessoa adotada e as possíveis implicações que a adoção pode trazer para este ser, implicações essas que se dão a partir nos fenômenos advindos da própria vivência, o que se inclui o vínculo afetivo familiar (Morelli, Scorsolini-Comin & Santeiro, 2016).

Ao seguir a linha de pensamento da importância da filiação adotiva e seu processo de construção de vínculo, questões extremamente comuns podem surgir e interferir, afinal, são novos universos a se encontrar. Neste passo, vale destacar que nem tudo deve ocorrer em caráter cartesiano, seguido etapas e regras, o que ao ponto de vista da fenomenologia heideggeriana, o ser por si só existe, o que rompe conceitos de existências subjetivistas (Schettini, 2006).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Heidegger (2013) aponta que o modo de vivência do ser humano faz pelo que ele denominou de Dasein, onde o “ser se desvela em sua própria existência”, assim, devendo essas partes estarem abertas para o seu existir e ser ser-no-mundo (Sá, 2002).

Na tentativa dos pais de agradar seus novos filhos, por vezes acabam por estabelecer um cuidado demasiado, o que acaba por dar sentido contrário ao esperado, tal qual o da libertação e o de pertencimento ao local do qual esse filho está sendo inserido, não permitindo que se permita e se coloque enquanto ser ativo perante suas possibilidades de ser (Sá, 2002).

Atrelado a esse cuidado, há de se perceber que há inúmeras possibilidades de como esse filho se comportará e se colocará no espaço. Nesse contexto, certo comportamento regressivo pode ser observado, fenômeno esse que deve ser visto com naturalidade, pois, pode indicar uma necessidade de vivenciar momentos comuns da infância que foram suprimidos, ou até mesmo um modo de ressignificar tais momentos (Sá, 2002).

Não obstante disso, outro ponto que vem ligado aos desejos e fantasias dos pais adotivos é a própria história pregressa desse filho, ao pensarem em como influenciar a vida dele. Tal medo e temor dá-se a cultura enraizada preexistente dos laços consanguíneos, como se tal fato fosse determinante para quem alguém será no futuro e o quanto ela pode influenciar a vida do filho (Viana, 2009).

Neste aspecto, o peso do vínculo biológico acaba por dar aos pais a ruim ideia de que não se deve conversar sobre esse passado, o que não é de fato correto, haja vista que além dessa carga genética, e inserção em um novo núcleo familiar permitirá novas experiências, tão fortes e suficientes para atuarem na construção individual desse ser (Souza & Casanova, 2011). Afinal, uma característica basilar do Dasein



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

é exatamente a fenda para a própria existência, além de qualquer relação de causa-efeito, quando Heidegger, (2017) nos traz que “o determinismo nega a liberdade”.

A adoção tardia é outro elemento a ser considerado nesse aspecto da experiência da própria existência, onde um olhar cuidadoso e diferencial deve pairar sobre essa criança ou adolescente, pois a recém-chegada no núcleo familiar e o próprio tempo de vida percorrida permitirá que tal experiência seja dada de modo bem mais subjetivo e particular (Viana, 2009).

Nesse sentido, a família colaborará para o pleno desenvolvimento do ser, respeitando sua história de vida, assim, conseguindo romper barreiras e fantasias e ou conjecturas a cerca de novo abandono, as motivações desta adoção, dentre tanto outros dilemas que porventura possam vir a surgir (Heidegger, 2017).

Há, também, de se falar sobre o poder-ser, de modo que a concepção do pensamento de que “somos o que somos porque somos” coexiste por meio da própria existência, a partir da ideia de que somos aquilo que somos a partir da nossa própria escolha, e ainda diz “estamos condenados a ser livres” (Viana, 2009).

A partir da ótica heideggeriana, toma o conceito de liberdade, afirmando que todos são livres, ao tempo que também não se é, pois, não há experiências sem escolhas, portanto, se está amarrado a essa realidade, pois inclusive quando se escolhe fazer nada, escolhe-se algo. Partindo de tal apontamento, não há a ideia de que se pode fazer tudo, mas sim o que se pode e se deve ser feito (Viana, 2009).

Dito isso, ao que se refere à adoção, à família deve vivenciar essa nova fase de forma consciente, não esquematizada, não problematizada e da forma mais natural possível, de modo a fazer sempre o uso da verdade, permitindo a ocorrência do fenômeno do



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

qual se espera, sabendo que nem tudo que é idealizado de fato ocorrerá, mas será como se deve ser (Viana, 2009).

Retomando a ideia de Heidegger em congruência com a de Sartre, o ser humano somente passa a ser, quando, começa a fazer-se, compreendendo o “ser para-si” e, já se encontrando no mundo. Neste viés, ao que se refere ao ser-adotado, é que ele viverá sua experiência a partir de sua singularidade, a qual deve por si próprio deve ser respeitada. Contudo, a este ser, caberá a compreensão de si, não somente por conta de sua origem, o que em sua maioria não é o ápice dos questionamentos, mas sim do possível abandono, mas que por intermédio dos laços afetivos criados será reorganizado e assimilado como nova percepção de mundo (Heidegger, 2017).

Materiais e Métodos

Visando os aspectos metodológicos na pesquisa, consideram-se os significados e os sentidos de cada participante envolvido, vê-se necessário a utilização da investigação qualitativa, descritiva e exploratória, em frente aos resultados e análise de dados futuros.

Lakatos e Marconi (2008) citados por Oliveira, Strassburg & Piffer, (2017) trazem o método qualitativo como aquele que busca compreender a historicidade do participante, de modo que permite ao pesquisador ir além ao que se refere à compreensão do sujeito da pesquisa.

A partir da conceituação epistemológica da consciência intencional, que entende a consciência como sendo, sempre, a consciência de alguma coisa. O método fenomenológico de pesquisa em Psicologia, ao se diferir do método filosófico, introduz algumas mudanças, assim se passando ao contexto da investigação científica (Giorgi & Sousa, 2010).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Tal método de pesquisa possui alguns passos metodológicos, os quais se apresentam na seguinte ordem:

1. *A descrição dos sujeitos*: no primeiro passo, dá-se a partir da pretensão de conciliar tanto as descrições das experiências e vivências dos participantes, quanto as etapas/passos propriamente ditos, de tal forma que possa emoldurar o processo de investigação em critérios sistemáticos, forma como a comunidade científica considera a pesquisa.

2. *A redução fenomenológica – psicológica*; O segundo passo, compreende a suspensão da atitude natural, a qual se considera a *epoché*. O terceiro passo ocorre quando após a redução fenomenológica, o pesquisador busca a essência do fenômeno que é o objeto de estudo, isso por cada participante da pesquisa.

3. *Análise eidética - variação livre imaginativa*: No último passo, o pesquisador centraliza o seu estudo no objeto de estudo, cuja essência, a síntese de significado psicológico, deve ser determinada. Busca-se, portanto, eliminar as particularidades dos fenômenos em estudo ou contingências, de modo que a síntese seja remetida a uma generalização dos resultados da investigação.

Os instrumentos utilizados para que a pesquisa ocorresse foram, coleta e dados e análise de resultados que se deram por intermédio da investigação fenomenológica, onde a vivência e as experiências comunicadas por cada participante, por meio da entrevista de investigação fenomenológica, o que permitiu a obtenção das descrições dos sentidos e significados de mundo para cada um deles.

De acordo com o método fenomenológico de pesquisa em psicologia de Giorgi e Sousa, o tratamento das entrevistas foi realizado. Primeiramente, as narrativas foram transcritas literalmente para que, posteriormente, a leitura geral pudesse ser feita tranquilamente e colocando-se na atitude de redução fenomenológica. Após essa primeira etapa, é retomada a leitura em busca das Unidades de Significados que, em seguida, e com análise aprofundada, os



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

respectivos significados psicológicos foram compreendidos. Após esse reconhecimento, os significados foram agrupados e identificados os elementos divergentes – variantes - e convergentes – invariantes – nos discursos dos participantes. A partir desse levantamento, as Categorias Temáticas foram agrupadas e analisadas à luz da Psicologia Fenomenológico-Existencial, especificamente a fenomenologia de Martin Heidegger.

Salienta-se que, a pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Nilton Lins, de acordo com o teor da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e do art. 16º do Código de Ética do Profissional Psicólogo, tendo sido aprovada no dia 08 de novembro de 2022, sob o parecer do CEP-CUNL nº 5.744.673 e Certificado de Apresentação de Apreciação Ética - CAAE 62549822.5.0000.5015.

Resultados e Discussões

Com base nas entrevistas realizadas, aspectos pluridimensionais surgiram ao que se refere o tema da adoção diante a historicidade do ser-adotado, o que permitiu ser percebido diversos sentimentos e significados que cada pessoa dá para essa informação quanto a própria existência, desde o sentimento de gratidão até o sentimento de culpa.

Ao que se refere a historicidade, Heidegger (2013) em sua interpretação ontológica, dá-se que o ser-aí existe de modo finito, porém, não possui necessariamente a finitude, haja vista que o ente existe e segue a partir das experiências presente que já se tornam passado, e por isso finitas, mas não deixam de existir na vida do ser-aí.

Dentre os pontos a serem desvelados nesta pesquisa, um se tornou chave para o desenrolar das entrevistas e do experienciar da



fala sobre a própria adoção, sendo esse ponto a ausência de consenso entre os entrevistados de como deveria ser dada ou conduzida a informação para pessoa que foi adotada.

Foram escolhidos por mim nomes fictícios para cada participante da pesquisa, no sentido de proteger e preservar suas identidades, os nomes a serem utilizados serão Hermione (34 anos), Lílian (28 anos) e Harry (27 anos).

a) A adoção como facticidade

Para os entrevistados, em sua maioria, a adoção se deu pelo sistema informal denominado “adoção à brasileira”, o qual é o registro do filho de outra pessoa em nome próprio, sem ter passado pelo sistema jurídico ou base primária da adoção, o que anteriormente não era reconhecido pelo sistema jurídico brasileiro, e na atualidade há jurisprudências que normatizam tal questão, situação essa que foi levantada por Harry, um dos entrevistados, tendo como fala:

(...)depois que eu comecei a pesquisar sobre a adoção, já com mais idade, teve um momento em que eu tive medo de por algum motivo não ser considerado da família, ou de alguém ‘denunciar’ e eu perder a minha família, mas depois eu fui descobrindo e entendendo que não é assim, eles são minha família, e eu os amo (choro).

Ao que se refere a culpa e angústia, Ferreira (2002) afirma que estes dois pontos determinam ontologicamente o homem como ser-no-mundo, ou seja, como um ser que foi lançado ou jogado no mundo, tendo a necessidade de reafirmar-se em caráter corriqueiro a sua própria existência, assim, edificando-se enquanto pertencente àquele grupo familiar e pertencente a si mesmo.

Deste modo, tem-se que a ideia de que a partir do existir do homem não outra opção senão ser, tendo em vista a única forma de



deixá-lo de ser é a própria morte, todavia, nem mesmo a morte, pois ela também é uma experiência da existência humana.

A angústia, é uma determinação ontológica existencial, neste caso da disposição, onde o homem se permitir ser, se permite estar aberto para sentir, assumindo o seu eu, seu ser, seja com propriedade ou impropriedade. Para Ferreira (2002), a determinação ôntico-existencial da facticidade vem a ser a decadência, enquanto a da disposição é o temor, o que se tem como “angústia velada”.

Nesse sentido, pode-se perceber que nem todos vão ter o mesmo significado para suas vivências, mas terão sempre pontos que se convergem, como o que se percebe da fala de Lílian:

Minha mãe disse que eu fui deixada perto do convento no dia de Santa Rita, as freiras me encontraram, e como ela sempre foi membro da igreja e já tinha adotado meus irmãos perguntaram se ela queria, e aí ela me quis, como se eu fosse um presente. Mas, assim, sou filha dela, e sou muito feliz por estar nessa família, vejo a adoção como um presente, dentre tantas possibilidades ruins a minha vida é incrível.

Nesse contexto, vivências comuns entre si, de cada participante, devem ser destacadas, tais como a vinculação familiar, a gratidão, a culpa, o medo, a identificação de imagem, o reconhecimento de si e do outro, o julgamento, o significado do que é ser adotado dentro do âmbito familiar, o pertencimento e por fim a adoção como um assunto tabu no contexto familiar.

As experiências acima suscitadas pelos participantes das entrevistas, de uma forma ou de outra acabam que fizeram e fazem parte da historicidade do grupo individual e social do ser-adotado.

b) O Tabu do falar sobre a adoção



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Os fenômenos trazidos se deram a partir de um único, o tabu, como se o fato de ter sido adotado, ainda que seja algo para ser visto com normalidade nas famílias, no sentido de fazer com que esse novo membro se sinta pertencente àquele lugar, essas próprias famílias fogem no assunto, não falando abertamente como os membros da família ou explicando história da própria família de origem, isso quando se sabe.

A partir da perspectiva fenomenológica heideggeriana, o homem não é concebido da relação consigo mesmo, mas da interação com os entes circundantes, o que caracteriza o ser-no-mundo, como sendo uma condição fundamental do ser, sempre sendo-com-o-outro.

É claro e evidente, que qualquer tabu é ainda uma discriminação ou preconceito, ou simplesmente o medo, ainda que velado do que está por vir. Não que essas famílias tenham tal sentimento por seus filhos, mas sim o medo do que os outros vão pensar, dizer e/ou fazer, e isso é pautado em questões históricas.

Deste modo, Heidegger, citado por Sá (2002) colocando o modo de ser do homem como abertura de si para a própria existência, permite-nos dizer que o sentimento das famílias adotivas é de agradecer esse novo membro, e tentar evitar que sinta qualquer dor ou angústia, como se dessa forma fossem ser mais bem aceitos. Nesse sentido, é como se colocassem a si mesmo no modo de cuidado substitutivo, que deve ser visto com atenção, pois, esse apropriar-se da experiência que está sendo vivenciada deve-se ter na consciência que “não é um deixar-se tragar, mas um arrancar e puxar para si” (Heidegger, 2013).

Há de se compreender, também, que o ser no mundo, trazido por Heidegger (2013), se constitui paulatinamente como sendo-no-mundo, onde esse ser está imerso no universo que compreender o homem e o mundo, e sua constituição de identidade dá-se a partir



dessa relação, e assim dando concretudes aos significados dados por esse ser-no-mundo (Braga & Farinha, 2017).

Ao que se refere o sentimento de pertencimento enquanto se-adoptado, foi elencado as preferências que ainda existem ao se pensar em adotar um filho, como o desejo majoritário pela adoção da criança ideal, ou seja, um bebê com idade de até três anos de idade, brancos, que não tenha irmãos, bem como doenças ou deficiências. Além disso, a burocracia ao que se refere a passibilidade de adoção por casais homoafetivos ou por pessoas solteiras ainda é uma dificuldade no Brasil, mesmo que venha diminuído.

Ao que se refere tal ponto, Hermione cita:

Eu fui adotada numa época em que era tudo mais fácil, no hospital que minha irmã nasceu, tinham muitas crianças que foram abandonadas, e antes se podia ir a um desses hospitais e escolher uma criança para adotar, hoje já não é assim, e querendo ou não, os abrigos são um lugar de sofrimento muito intenso, porque as crianças, com quem já criaram vínculos indo embora e ela continua lá, ou pretendentes a ser pais vão várias vezes mas a justiça é tão lenta que podem acabar desistindo, não importa de são casais homoafetivos ou homem ou mulher solteiros, eles querem ser pais, se querem adotar, ser uma família e tem condições pra isso, tudo deveria ser mais fácil.

c) A curiosidade do parecer-se com alguém, a culpa e o medo do sentir

A culpa é trazida a partir da perspectiva de Ferreira (2002), tal qual a angústia, como a determinação ontológica existencial, entretanto, neste caso, da facticidade, o que dizer que ela existe como modo de ser do ser-aí fático e coexiste na existência do homem e do mundo que foi lançado e o circunda.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Dentre os diversos sentimentos, a culpa teve também destaque enquanto quesito para se compreender. Ao se falar em culpa, não é necessariamente culpa de algo que se fez e acredita ser errado, mas a culpa por sentir culpa de sentir, sendo esse sentir a necessidade de contemplar a si próprio em sua vicissitude.

Os participantes, evocaram o sentimento do medo de questionar sobre suas histórias para seus pais e/ou famílias adotivas, quer seja por “respeito” quer seja por acreditar que não estivesse sendo grato o suficiente com a família que o adotou, como diz Hermione:

Na minha família nunca foi falado abertamente sobre que ter sido adotada, minha mãe me contou, conversamos, choramos, mas depois disso ela não quis mais falar sobre o assunto, e só fala quando eu pergunto alguma coisa, mas ela dá um jeito de fugir. E talvez, por respeito a ela, eu não pergunto mais por que eu sei que ela não vai falar, e por isso eu acabei deixando um pouco de lado.

Outra fala vem de Lílian:

Teve um tempo que eu me culpava por querer saber quem é a minha família, meus pais na verdade, para saber se eu pareço mais com um ou com outro, ter referência mesmo, mas sei que isso nunca vai acontecer, e mesmo eu estando feliz com a família que fui agraciada por Deus, não poderia ter sido melhor, eu tinha, tenho, essa curiosidade, mas também medo, porque se eu soubesse talvez meus pais não me quisessem mais.

Tal condição, revela o medo de perder o vínculo familiar, por ter em mente que aquela família poderá rejeitá-lo a qualquer momento, afinal, já foi rejeitado uma vez antes mesmo de nascer ou logo após, então o que impediria de acontecer novamente?

Esse é, em caráter de transliteração, umas das falas e questionamentos de duas participantes da pesquisa, e que assim,



tinham até a adolescência o medo de falar suas vontades, suas dores e angústias, e seus desejos de simplesmente ver seus pais biológicos, mesmo que de longe para simplesmente saber se se parecem em traços ou jeitos.

Outrossim, ainda que a curiosidade exista, também, e por conseguinte o medo e a culpa existam, há também o sentimento de que não há diferença, pois, como disse Harry: “nós somos fruto do meio, e eu sei quem eu sou por sei com quem eu cresci, e nunca fui visto com diferença pela família, ao menos pela maioria dela”.

d) O creditar do significado da própria existência

A partir da pesquisa, seguida da análise para a obtenção dos resultados, tem-se que a maioria das pessoas adotadas, quando possuem bons vínculos afetivos desde o princípio, passaram a dar o significado de gratidão por pertencerem a uma família que não os distinguiu como sendo adotados, mas sim como sendo de fato e simplesmente daquela família. O modo como o Dasein se relaciona com outros entes, tanto simplesmente dados quanto outros Dasein, aponta para seu singular cuidar de ser si mesmo.

O cuidado, para Heidegger, é inerente a existência do ser, somos cuidados, em cada tipo de relação que estabelecemos no mundo, e esse cuidado corrobora em nós mesmos e no outro, como lidamos com esse outro ente, se o cuidado não houvesse, não haveria a própria existência, pois isso é o olhar de si para si, para que dessa forma se possa ser, é uma responsabilidade, isso é o cuidado autêntico, impulsionando a reflexão sobre a angústia, agitação e desilusão de acompanha cada ser em seu processo (Michelazzo, 1999).

(...) nós somos fruto do meio, e mesmo que eu tenha crescido e ouvido coisas que não foram legais de umas primas, eu nunca me



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

senti não pertencente, porque a família mesmo nunca nem falou abertamente sobre a adoção, talvez para que eu não me sentisse diferente ou por medo, mas na verdade isso não importa, porque foi sempre com muito amor, e eles terem sempre me amado, e por serem a melhor família que eu poderia ter eu sou grata a Deus (Hermione).

Esta é a fala de Hermione ao lembrar de como ela foi tratada pela família, e pelos pais, e mesmo recebendo a notícia na infância e o tema em si não ter sido comentado na família, nunca se sentiu diferente, ou não pertencente.

Harry diz que ficou sabendo ser adotado na adolescência, quando as mudanças físicas da puberdade começaram a incomodar e as características físicas passaram a ser mais evidentes, foi quando os pais resolveram contar, e nesse momento, o participante diz naquele momento foi um choque, ficou triste, mas ao mesmo tempo feliz por estar com pessoas que o “amam de graça” e diz, ainda, “eles escolheram me amar, me escolheram para ser filho deles, dentre muitos foi eu, como que não vou ser grato a tudo isso? (Harry).

Considerando as experiências rememoradas pelos participantes, pode-se perceber o ser como uma estrutura de realização, de modo que renovando e atualizando a si e a suas potencialidades é que se pode viver e existir em uma vida autêntica.

Samaridi (2011) cita que o ser-no-mundo por si só “é uma estrutura total e originária podendo ser visualizada e descrita em seus vários momentos constitutivos”, e é a partir dessa compreensão que pode traçar uma linha onde este ser se faz integrante à medida que coexiste no mundo.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Fazendo um paralelo com a discussão em voga, deve-se perceber que para os participantes, principalmente aqueles que passaram a ter consciência de ser adotado a partir de uma comunicação dessa informação, diferentemente daqueles que cresceram sabendo, suas vidas mudaram ou foram tomadas por mudanças pela necessidade de dar a própria existência um novo significado, o que ocorreu de fato, afinal, o homem compõe o mundo e o mundo é composto por ele, assim sendo mais uma experiência (Heidegger, 2017).

Nesse sentido, conforme afirma Forghieri (2011), aspectos de mundo devem ser considerados, bem como suas diferenças no existir, tendo, portanto, o mundo circundante, humano e próprio. Portanto, o ser-no-mundo é em seus vários momentos constitutivos, ainda que mantendo a sua unidade.

Forghieri (2011), cita “mundo” como aglomerado de relações dentro do qual a pessoa existe que é vivenciado em totalidade. O mundo circundante dá-se a partir do relacionamento do ser com o ambiente, de modo que se adapta a esse, transcendendo por meio da consciência as situações experienciadas.

O mundo humano, surge como a relação e a convivência do ser com um ente semelhante, de modo que mesmo estando só se está ser-com, haja vista que, para Heidegger (2017), estar só é um modo deficiente de ser-com. Contudo, tem-se o mundo próprio, o qual existe a partir da significação que as experiências têm para o ser, tendo como função o pensamento e conhecimento de si e do mundo.

e) O sentido da compreensão da adoção como experiência de vida

No decorrer da pesquisa o corpo foi colocado como modelo biológico a ser seguido e comparado, e questões como a necessidade do ser-adotado de migrar da própria vida para se criar uma nova, por



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

causa dessa informação a mais sobre a própria existência, acaba por ser colocada em consideração pelos participantes.

Nesse sentido, principalmente aos que passam a descobrir em momento mais tardio a própria adoção, trouxeram à luz situações como questões sociais, dificuldades no processo de adoção nos dias atuais e, principalmente, a existência de si para si marcada para além da adoção e da filiação.

Considerando tal contexto, ao questionar os participantes sobre o sentido da vida após o saber-se adotado ou até mesmo durante esse processo de autoconhecimento, uma resposta foi unânime quanto suas experiências, que “somos o que escolhemos ser e o que podemos ser conforme as possibilidades e experiências que a nós são proporcionadas”.

O pensamento acima descrito remete ao Dasein (ser-aí), onde Heidegger (2013) cita que o ser é lançado a uma situação e estabelece uma relação ativa em conjunto a ela. Assim, tem-se, também, o poder-ser, como um projeto transformador das coisas, que se transcende e ultrapassa as coisas do mundo, com o simples existir na existência, de modo que ao relacionar a fala de tal participante, percebe-se a possibilidade de atuar podendo fazer suas próprias escolhas, projetar sonhos e objetivos, perder ou conquistar a partir das experiências vividas.

Há de se convir que, os participantes tiveram a possibilidade de estarem em famílias acolhedoras, o que não acontece com todos. Quesito esse que foi abordado, com a seguinte fala, “eu olho crianças na rua e penso que eu poderia ter sido uma dessas, e talvez sem perspectiva alguma de vida ou poderia estar morta, não faço ideia de como seria minha vida hoje.” (Lílian).

Hermione cita algo similar quando fala:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Eu amo minha família, eles são a minha família, mas não sei explicar, hoje eu tenho filhos e sei o tamanho da dor que é se separar deles, então não acho que foi fácil ter me dado para adoção, se ela realmente não tinha condições, talvez ela tenha pensado que pra mim algo poderia ser diferente, eu poderia ser uma criança que está na rua, é difícil de imaginar, então eu prefiro ver tudo isso como um presente.

Em conjunto a gratidão tem-se o reconhecimento de si e de suas possibilidades, onde o que antes era medo agora é um desvelar-se sem censuras ou julgamentos, o receio de perguntar sobre sua história para a família adotiva deixa de existir, compreendendo que é apenas o aprofundar da própria existência, porém, isso quando bem trabalhado as questões de vinculação afetiva. Quando não o são, esse receio, por vezes, acaba por atrapalhar nas diversas esferas de relacionamentos possíveis, da vida pessoal à profissional.

f) A propositura de olhar específico no atendimento psicoterapêutico para pessoas adotadas

A clínica psicoterápica sob o viés fenomenológico-existencial é um caminhar com o outro, nesse caso, o ser-atendido, promovendo, portanto, um espaço de promoção de escuta, acolhimento e cuidado, onde os sentidos são descortinados, neste contexto, Forghieri (2011) afirma o seguinte:

A intencionalidade é, essencialmente, o ato de atribuir um sentido; é ela que unifica a consciência, o objeto, o sujeito e o mundo. Com a intencionalidade há o reconhecimento de que o mundo não é pura exterioridade e o sujeito não é pura interioridade, mas a saída de si para um mundo que tem uma significação para ele (p.15).

Alguns aspectos foram levantados pelos participantes e que se fazem importantes pontuar. Entre as tonalidades afetivas destacam-se: a gratidão, o reconhecimento, o processo de vinculação familiar, a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

verdade, o momento e a forma de quando e como foi contado. Paradoxalmente, o medo, o sentimento de ingratidão, a comunicação da adoção tardia e falta de vinculação se desvelaram no decorrer das entrevistas.

Ao que se refere à prática do profissional psicólogo, cabe algumas reflexões, sendo essas o olhar e o sentir das angústias dos atendidos, mergulhar nos contornos da historicidade, temporalidade e espacialidade do ser-adotado.

Não há um modelo esquematizado ou estruturado quando se tem uma atitude fenomenológica, mas há caminhos (métodos) pelos quais podemos seguir para promover espaço de autoconhecimento, pois, enquanto existe um ser por si e para si, também, existe o ser-com-o-outro.

Neste aspecto, questões como identidade, liberdade, significado, sentido e transcendência podem ser vivenciadas pelo psicoterapeuta, para que cada pessoa atendida possa chegar à ampliação da compreensão de sua existência humana.

Ao compreender existência humana, considerando os três mundos em sua unicidade anteriormente citados, quais sejam o mundo circundante, mundo humano e mundo próprio, e sentido de liberdade humana deve posto, afinal, experienciar e vivenciar é liberdade, e a liberdade é inerente à existência humana e é isso que torna o homem autêntico, pois, como cita Angerami (2007), é a partir da consciência que o ser promove a consciência de si e do outro, o que vai determinar a ele a condição de ser em sua autenticidade.

A liberdade não é uma qualidade que se acrescente às qualidades que já possui como homem: a liberdade é o que precisamente me estrutura como homem, porque é uma designação específica da própria qualidade de ser consciente, de poder negar, de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

transcender. A liberdade é o que define a minha possibilidade de me recusar como coisa, projetando-me para além disso, ou, se quiser, para além de mim (Angerami, 2007, p.17).

Desse modo, ao entender que a vida é um emaranhado de vivências, se torna possível ao ser-adotado assumir responsabilidade pela constituição do seu próprio ser, compreendo que nem todo sofrimento é sofrimento, mas sim experiências, e só será sofrimento se assim decidir sê-lo. É nesse contexto, que se dá a ressignificação da identidade, assumindo um compromisso com a própria vida, dando a ela um sentido.

Portanto, é desta forma que ocorrerá a transcendência do ser a partir de sua consciência, para Angerami (2007), é em proporção tal que se tornará possível redimensionar seus sentidos, significados e realizações, permitindo que o ser-adotado projete si para além das próprias possibilidades existências.

Considerações finais

Ao falar sobre a adoção e como a pessoa adotada se percebe no mundo a partir do momento que toma ciência dessa informação quanto o novo mundo que lhe surge, muitos fenômenos são desacortinados, a pessoa se percebe confusa, angustiada, podendo se questionar sobre sua própria existência, os sentidos e significados que lhe ancoravam, após a comunicação do “você é adotado(a)”, se estilhaçam no chão. Agora, esse ser-adotado percebe-se lançado em um mundo novo, um mundo para possibilidades de criações e construções de novos sentidos e significados.

Ainda que o processo de adoção coexista à existência da humanidade, de modo a ser uma prática recorrente das sociedades, mesmo que em caráter diferente ao longo dos tempos, é possível



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

perceber o tabu que foi criado sobre essa temática, o que dificulta para famílias e para o ser-adotado, em sua maioria, falar sobre isso.

A partir da análise dos resultados e discussões, mostrou-se que o título proposto para esta pesquisa se vinculou intimamente ao que se buscava, onde os sentido e significados das experiências de vida de cada participante da pesquisa foram trazidos, de modo a perceber o ser-adotado como ser livre na própria existência, ainda que haja as implicações do conhecimento da adoção.

Sob o viés fenomenológico-existencial, pôde-se observar que o ser-adotado, como ser que vive e morre nas próprias experiências, modifica-se em seu mundo próprio a partir dos significados que se é possível creditar ao seu próprio ser, o que se dá em concomitância a relação com o ambiente que o envolve e com ser-outro.

Deste modo, tendo o ser como ser aberto de si para a própria existência, foi possível compreender como o cuidado se faz fenômeno ordinário no vivenciar da pessoa adotada, o que permite lidar com o novo significado de vida que tomará para si e por conseguinte com o novo sentido de vida que será transcendido.

Assim, compreender como o ser humano que se lança no mundo a partir do conhecimento de sua história, e nesse caso da facticidade da própria adoção, permite que seja percebido como se dá os fenômenos advindos das experiências características e inerentes a própria existência. si, bem como da constituição da historicidade que a ele pertence.

Evidenciando as mudanças elencadas na vida dos participantes da pesquisa ao saber sobre si como ser-adotado, mostrou-se como a vinculação com a família adotada se coloca como um dos critérios de maior ênfase em suas vivências, o que para o profissional da psicologia



deve ser identificado e trabalhado de acordo com as experiências e fenômenos que são trazidos pelo cliente.

Considerando a discussão desta pesquisa, este pesquisador pode dar grifo que não se tem ideia do melhor momento para a família comunicar sobre a adoção, mas sim “o momento” e o modo como fazê-lo, em contraponto à vinculação afetiva que foi experienciada, o que pode possibilitar ao ser-adotado transcender nesse novo sentido de vida e do viver.

Assim sendo, alusivo à prática profissional do psicólogo, deve-se saber que não haverá um resultado interventivo planejado e esperado, nem mesmo uma hipótese, haja vista que esse profissional deve considerar o sentido que o fenômeno trazido se desvela na descrição da experiência vivida, sentida e partilhada.

Contudo, aspectos devem ser observados e compreendidos pelo psicólogo, no sentido de fazer da sua prática profissional um lugar de escuta, acolhimento e cuidado possível para o cliente, e desta forma, questões como identidade, liberdade, significado e sentido precisam ser considerados pelo psicoterapeuta de base fenomenológica-existencial.

Referências

Adoption. (2022) In: Oxford Dictionary. Oxford University Press.

Alves, Paulo César. (2006). A fenomenologia e as abordagens sistêmicas nos estudos socioantropológicos da doença: breve revisão crítica. *Cad. Saúde Pública* 22(8), 1547-1554, Rio de Janeiro. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000800003>

Angerami-Camon, Valdemar Augusto. A. (2007). *Psicoterapia Existencial*. 4 ed. São Paulo: Thomson Learning.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Araújo, Marcos Vinícius Gomes de. (2014). Uma breve compreensão sobre o dasein de Heidegger. Universidade Federal do Espírito Santo. Espírito Santo: UFES.

Benghozi, Pierre. & Carneiro, Terezinha Féres. (2001). Laço pátrio e continente pátrio como sustentação do laço genealógico. In: *Casamento e família: Do social à clínica*. Rio de Janeiro: Nau.

Braga, Tatiana Benevides Magalhães. & Farinha, Marciana Gonçalves. (2017). Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. *Phenomenological Studies: Revista da Abordagem Gestáltica* (online). vol.23(1), pp. 65-73 Goiânia.

Capalbo, Creusa. (1996). Fenomenologia e ciências sociais. *Cadernos ABESS*. Universidade Estadual de Londrina – UEL. Londrina, PR.

Castro, Thiago Gomes. & Gomes William Barbosa. (2011). Movimento fenomenológico: Controvérsias e perspectivas na pesquisa psicológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 27 (2) <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000200014>

Dutra, Giselle Cristina de. & Gomes, Vitor. (2020). Um Estudo Fenomenológico sobre a Criança Adotada Tardamente, e seus primeiros Contatos com a Escola. *VI Seminário Nacional de Educação Especial/XVII Seminário Capixaba de Educação Inclusiva*. V.3, n. 3. Espírito Santo.

Ferreira, Acylene Maria Cabral. (2002). Culpa e angústia em Heidegger. *Rev. Cogito*. Vol. 4. pp. 75-79. ISSN 1519-9479. Salvador – Bahia.

Forghieri, Yolanda Cintrão (2011). *Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa*. São Paulo: Cengage Learning.

Giorgi, Amadeu. & Sousa, Daniel. (2010). Método fenomenológico de investigação em psicologia. Lisboa: Fim de Século.

González, Alberto. Garanhani, Mara. Bortoletto, Maira. Almeida, Marcio. Melchior, Regina. & Nunes, Elisabete (2012). Fenomenologia Heideggeriana como referencial para estudos sobre formação em saúde. *Revista Comunicação Saúde Educação*. v.16, n.42, p.809-817.

Heidegger, Martin. (2013). *Ser e Tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Heidegger, Martin. (2017). *Seminários de Zollikon*. Petrópolis, RJ: Vozes.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Kvale, Steinar. (1996). *Entrevistas: Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Thousand Oaks. Reino Unido: Sage.

Levinzon, Gina Khafif. (2004). *Adoção: Clínica Psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lopes, Juliana dos Santos. (2022). Abordagem Centrada na Pessoa e algumas de suas possibilidades: *O atendimento à criança: uma proposta humanista relacional*. Vol.II. Rev. ACP. São Paulo: All Print Editora.

Michelazzo, José Carlos. (1999). *Do um como princípio ao dois como unidade: Heidegger e a reconstrução ontológica do real*. São Paulo: FAPESP/Annablume.

Minayo, Maria Cecília de Souza. (2015). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

Moraes, Patrícia Jakeliny Ferreira de Souza. 2011. *Ressignificando o processo de adoção: encontros e desencontros*. Universidade Católica de Brasília. Brasília: UCB.

Morelli, Ana Barbara. Scorsolini-Comin, Fábio. & Santeiro, Tales Vilela. (2016). O “lugar” do filho adotivo na dinâmica parental: revisão integrativa de literatura. Vol. 27. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro.

Oliveira, Nilton Marques de. Strassburg, Udo. & Piffer, Moacir. (2017). Técnicas de pesquisa qualitativa: uma abordagem conceitual. Ciências Sociais Aplicadas em *Revista. Paraná*.

Paiva, Leila Dutra de. (2004). *Adoção: Significados e possibilidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Paula, Cristiane Cardoso de. Padoin, Stela Maris de Mello. Terra, Marlene Gomes. Souza, Ívis Emília de Oliveira. & Cabral, Ivone Evangelista. (2014). Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Associação Brasileira de Enfermagem. Brasília.

Pezzi, Lezete Pessini. (2014). A História na Avaliação: como eu colho a história. *Revista Brasileira de Psicoterapia*. 91-98

Prodanov, Cleber Cristiano. & Freitas, Ernani Cesar de. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Sá, Roberto Novaes de. (2002). A noção heideggeriana de cuidado e a clínica psicoterápica. *Rev. de Filosofia*. Porto Alegre: Veritas. (Porto Alegre), 45(2), 259–266. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2000.2.35062>

Samaridi, Isadora. (2011). O ser-no-mundo e suas possibilidades existenciais num contexto atual. *Caderno de textos - IV Congresso de Fenomenologia da região Centro-Oeste*. Goiânia: PUC-GO.

Schettini Filho, Luiz. & Schettini, Suzanna Sofia Moeller. (2006). *Adoção: os vários lados dessa história*. Recife: Bagaço.

Schultz, Duane P., & Schultz, Sidney Ellen. (2002). *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Cultrix.

Shaffer, David R. (2008). *Psicologia do desenvolvimento: a infância e adolescência*. São Paulo: Cengage Learning.

Silva, Carolina Lemos da. & Benetti, Silvia Pereira da Cruz (2015). Adoção da criança maior: um estudo do processo filiativo. *Estudos de Psicologia*. Campinas. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000100011>

Silva, Jovânia Marques de Oliveira e. Lopes, Regina Lúcia Mendonça. & Diniz, Normélia Maria Freire (2008). Fenomenologia. *Revista Brasileira de Enfermagem - REBEn*, Salvador.

Souza, Hália Pauliv de. & Casanova, Renata Pauliv de Souza (2012). *Adoção: o amor faz o mundo girar mais rápido*. Curitiba: Juruá.

Viana, Florimar dos Santos. (2009). *Construindo laços, (des)atando angústias: um estudo sobre adoção e paternidade/ maternidade em trajetórias conjugais*. Universidade Católica do Salvador, Salvador.

Weber, Lídia Natália Dobrianskyj. (2005). *Abandono, institucionalização e adoção no Brasil: problemas e soluções*. O Social em Questão.

Wojnar, Danuta M., & Swanson, Kristen M. (2007). Phenomenology: an exploration. *J Holist Nurs*. Sep;25(3):172-80; discussion 181-2; quiz 183-5. doi: 10.1177/0898010106295172. PMID: 17724386.

Recebido em 01.12.2022 Aceito em: 15.12.2022 Publicado: 01-01-2023



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Autores

Davi González Ramos

Graduando em Psicologia pela Universidade Nilton Lins. Especialista em Neuropsicologia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Especialista em Perícia, Auditoria e Gestão Ambiental pela Faculdade Metropolitana de Manaus, FAMETRO. Bacharel em Direito pela Faculdade Martha Falcão – DeVry. E-mail: gonzalez.davi@outlook.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5097-3519>

Luziane Vitoriano da Costa

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia/PPGPSI/UFAM. Docente da Universidade Nilton Lins/UNL. Psicóloga graduada pela Universidade Paulista/UNIP. Membro do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). E-mail: luziane.costa@uniltonlins.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8374-9206>

Dacir Martins de Castro

Docente da Universidade Nilton Lins. Psicólogo na Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Direitos Humanos (SEMASC) do Município de Manaus. Especialista em Tutoria e Docência em Educação a Distância e em Didática do Ensino Superior pela Universidade Nilton Lins. Psicólogo graduado pela Universidade Nilton Lins. E-mail: dacir.martins@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5170-6746>

Gabriel Vitor Melo Rocha

Mestrando Pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM em Processos Psicológicos e Saúde. Membro do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). E-mail: gabrielvitor.mr@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2803-4726>